TL 210

CNRM | conselho nacional da resistencia maubere
national council of maubere resistance
conseil national de la résistance maubere

Comissão Directiva da FRETILIN • Comando das FALINTIL • Resistência Nacional Estudantil de Timor Leste • RENETIL

MENSAGEM

DE SUA EXCELÊNCIA O COMANDANTE

XANANA GUSMÃO,

LÍDER DA RESISTENCIA TIMORENSE,

PARA AS COMUNIDADES TIMORENSES

NA DIÁSPORA *

* Mensagem gravada em audio-cassette nas montanhas de Timor Leste no dia 1º de Maio de 1992.

Address:

Timor-Leste / CNRM/FALINTIL

Caríssimos compatriotas
Companheiros da Luta

Para vós todos, vai um abraço fraterno e sincero dos resistentes da Pátria. É a primeira vez que me dirijo a todos os timorenses vivendo no exterior, e por este imperdoável lapso, peço-vos imensas desculpas.

Na verdade, olhando um bocado para trás, verificamos muitas falhas, muitas incompreensões, muitos obstáculos, muitas manobras políticas e muitas escaramuças. E tudo isto em nada nos dignifica e tudo isto ~~faxxsafrar~~ magoa o nosso Povo. A nossa resistência vai a caminho dos 17 anos ~~xx~~ e só nestes últimos tempos pudemos ver multiplicarem-se os esforços para uma solução.

Venho, neste contacto de reflexão, referir-me com incidência, ao actual momento da nossa Luta. Momento Crucial e difícil, Mámento de decisão! Mas penso com tristeza que nós, ou ainda não estamos preparados para assumir com alma os sofrimentos do nosso Povo ou não estamos preparados para responder com inteligência às frontais exigências da Luta.

Por isso mesmo, vou começar por falar de nós mesmos com um passar a vassoura pela casa adentro.

Companheiros da Luta

- O divisionismo, incentivado por caminhos ideológicos diversos e/ou opostos, levou os timorenses a considerarem-se inimigos, actuando em defesa das suas políticas. Ainda hoje, alguns tentam justificar essas acções para minimizar as culpas ou para afirmar que são inocentes. Creio que, exclusivamente pelos superiores interesses do nosso Povo, devemos apenas lembrar os factos, que assinalaram a nossa história, como exercício mental para daí extrair lições, com o propósito de não contribuir, agora e no futuro, que se faça sofrer o nosso Povo.

Se a violência fora a escolha preferida pelos dirigentes timorenses, a existência de um braço armado na dependência de um Partido, constituiria sempre um factor de interposição na reconstrução de uma unidade sem reservas. Para além disto, o próprio desenvolvimento da Luta retirava os fundamentos político-ideológicos das FALINTIL, fazendo-as assumir uma missão mais nobre - a defesa da Pátria! Foi esta a razão do apartidarismo das FALINTIL!

E se, como membro do CCF, eu assumia até então a responsabilidade pela condução do processo, como Cmdt das Falintil e no espírito da CNT, eu pensava estar em condições políticas para não me subordinar a nenhum partido, respeitando-os a todos. Se aos partidos pertenceu a ideologia da libertação da Pátria, às Forças Armadas o papel de praticar essa ideologia na defesa da Pátria, para a sua libertação. Foi assim que nasceu a estrutura do CNRM, que concederia à CNT uma maior dimensão política.

Irmãos e companheiros da Luta

Neste contexto global, deixava de existir o sentido partidário da Luta, que originava ópticas individuais para se explicar a libertação da Pátria. O CNRM seria o órgão máximo de condução da Luta, englobando necessàriamente o CMDO das Falintil (no interior) e a CNT (no exterior), além de outras forças sociais e independentes.

Se não posso categòricamente afirmar que foi devido à persistência da LUTA ARMADA que o processo de Libertação não tomou outros rumos, também não posso nem devo, por outro lado, desvirtuar uma realidade vivida e, muito menos, negar simplesmente o papel desempenhado pelas FALINTIL. Com efeito, da leitura que se podia fazer da nossa resistência, um objectivo se manifestava comum a todos os timorenses sem distinção: a Libertação da Pátria, pela consolidação da resistência armada e política e com o reforço da frente diplomática.

Pelo menos para mim, tendo os duros anos de guerra provado uma consciência patriótica muito sólida do nosso Povo, não faria sentido defender uma independência por este ou por aquele partido. Estava-nos custando tão caro o esforço para sermos independentes. Com a Pátria ocupada por um vizinho poderoso, desde que, conseguida a CNT, as Forças Armadas de Libertação de Timor-Leste se declararam apartidárias, toda esta resistência só devia ser accionada por um catalizador comum: a necessidade de libertar a Pátria, sob as premissas da reconciliação nacional e de uma unidade mais ampla e profunda entre todos os timorenses.

Sob este pensamento e conduzidos por esta vontade, os papéis individuais dos partidos não deveriam constituir a base de constantes polémicas ou o tema das constantes discórdias. A história, como narração dos factos, terá registado isso tudo e em todos os seus pormenores que, às vezes, como humanos que somos, ou não gostamos de ouvir ou gostamos de realçar com frequência.

Carissimos compatriotas

Quero com isto dizer que a despartidarização da Luta não é negação dos Partidos. Estou capaz de afirmar que o nósso Povo, na sua totalidade ainda não percebe os pressupostos ideológicos que diferenciam cada partido, no contexto de uma sociedade democrática multipartidarista. Neste momento actual, dificil4 para o nosso Povo, não há tempo - e insisto, nem devia haver - para estarmos a debruçar sobre as políticas partidárias. Hoje, é apenas momento histórico para todo o cidadão timorense buscar tempo para pensar como desenvolver as actividades, como encarar as situações, como esquivar-se da rede da polícia secreta, como apoiar um companheiro e como reparar as falhas, como renovar a vigilância e as tácticas de luta, como, enfim, libertar a Pátria.

Eu creio mesmo que é politica demais exigir do nosso Povo... que todos os dias tem de enfrentar as ameaças do ocupante, que todos os dias tem de cumprir quase que um rigoroso programa de "apel", "rapat", "goton royong", etc., que perceba que a substância da CNT, afinal, consiste em saber o que fará este partido na sua política de saúde e o que fará aquele como política de defesa.

Eu creio ainda que, já depois de libertada a Pátria, o Povo Maubere ou o Povo do Timor Oriental, para os respectivos gostos, saberá reconhecer a acção de cada um dos partidos e a sua capacidade nos esforços conjuntos para o libertar. Creio, por isso mesmo, que enquanto resistimos para libertar a Pátria, os interesses do nosso Povo devem sempre prevalecer sobre os interesses dos Partidos.

Não terá, evidentemente sentido, uma Pátria libertada sem partidos, já que estes constituem a súmula da consciência nacional, a síntese dos interesses globais pelos das diversas camadas que representam. Sendo assim, ~~no fim da guerra~~ quando libertada a Pátria, na sociedade que queremos implantar em Timor-Leste, serão os partidos e mais ninguem que activarão a vida complexa e difícil da Nação.

Todo o cidadão timorense consciente não deve poupar energias para criar condições para libertar a Pátria, negando-se a dispendê-las para prematuras campanhas eleitorais. Não é tempo para reclamarmos, passo a passo, as respectivas fatias nas pequenas vitórias que se vão alcançando. É porém tempo para TODOS darmos TUDO para vencermos!

Carissimos companheiros

O Comando das Falintil tem que lidar com o Povo e não pode estristamente lidar com militantes de partidos. O Comando das FALINTIL conhece, como nenhum outro, a implantação dos Partidos no seio do nosso Povo e pretende que cada cidadão vista, por cima da camisola partidária, a farda de resistente, pela qual devo conhecê-lo para o orientar numa resistência amplamente nacional. Não é tempo para se reivindicar maiorias, como se as minorias não estivessem empenhadas a dar o seu sangue pela libertação da Pátria; é tempo, todavia, para libertarmos consensos nacionais. Não é tempo para reclamarmos melhores organizações, porque o tempo nem nos chega para ordenarmos os nossos movimentos conjuntos, na cúpula, na base de uma plataforma organizacional.

O que tem sido a CNT, na prática? Vós, companheiros , melhor do que nós aqui dentro, tereis visto a funcionabilidade da CNT. É a vós, aí fora, que compete dar ânimo, forjando vontades para uma actuação ordenada da CNT, em prol da Libertação do nosso Povo. Os desentendimentos internos, nas nossas organizações partidárias, magoam-nos, a nós todos, resistentes no interior da Pátria. Compenetrai-vós, compatriotas, de cada gota de sangue que indirectamente podem provocar... posturas inflexíveis ou comportamentos de indisciplina, atitudes de arrogância ou, sobretudo, retóricas baratas. Isso tudo faz sofrer o nosso Povo e nós todos já fizemos sofrer em demasia o nosso Povo.

A tolerância não significa apenas consentir na existência de opiniões diferentes. A tolerância servirá para aceitar as diferenças mas obriga a buscar, por isso mesmo, plataformas de entendimento. Com uma guerra sobre os ombros, há necessidade de revermos as nossas atitudes. O orgulho, individual ou colectivo, é inimigo do nosso Povo e a desonestidade ofende o nosso Povo. O nosso Povo é muito sensível e a todos quantos representam os supremos anseios do nosso Povo, alerto para erradicarem atitudes que destoam com os seus sacrifícios. Quanto mais ponderados no pensamento e generosos nos actos, quanto mais empenhados se mostrarem para a edificação de uma real unidade, para um reforço incondicional de acções, neste período difícil, mais respeito e mais amor terão os líderes dos Partidos, por parte do nosso Povo.

Irmãos e companheiros

A RER convidava a uma participação sempre colectiva das lideranças das diversas forças políticas e sociais, nas questões pontuais da Luta. A recusa da RER criou o que hoje assistimos: total dissonância de propósitos, total disparidade de esforços. Numa situação política assim, Portugal terá pouco a recolher de nós, os timorenses.
Exigimos a Portugal, mas não ajudamos Portugal, pelas contínuas divergências no nosso seio.

Há que revêr isso em primeiro lugar, pela estabilização dos partidos. Há que reactivar a CNT. Há que conceder ao Comando das Falintil o comando da Luta! Há que incentivar as formas de consulta entre o exterior e o interior. Há que compreender, fundamentalmente e no quadro das atribuições gerais, o papel que cada frente de luta desempenha na sua relação com as outras. Para que isso tudo aconteça, há que esconjurar xenofobias, há que erradicar chauvinismos!

Em síntese, caríssimos compatriotas, há que sermos, TODOS,
TIMORENSES DE CORPO E ALMA!

E admira-me que hoje haja quem se divirta a tecer teorias sobre o termo maubere. Indigna-me que haja gente que goste de falar de Povo Zé dos Anzóis, quando nunca fez questão de pronunciar Povo do Perú ou dos Camarões, Povo de El Salvador ou de S. Tomé e Príncipe, das Filipinas ou do Cabo Verde, do Brasil ou do Equador. Que razões semânticas justificam estas terminologias?

Quando se buscam razões para justificar uma aversão pelo termo MAUBERE, não se pretenderá dizer que baixamos ao nível do zé-povinho, o maubere? Envergonhamo-nos, porque os colarinhos nos estrangulam?
Mas ninguém se envergonhou ou envergonhou as pessoas que, por exemplo, se chamam Carneiro ou Pintassilgo, Salgado ou Peixe, Pestana ou Chapéu. Sei que não devia entrar num campo a que não tenho acesso (talvez científico, talvez histórico ou talvez mesmo antropológico, onde se jogam palavras como semântica e antroponómico), mas sei que estou a entrar numa interpretação que o nosso Povo aferiu do termo. E recusar este sentimento popular, é colocarmo-nos no dorso do nosso Povo para lhe gritarmos que é bruto, analfabeto e inconsciente! Exigir ao nosso Povo que estude a gramática para saber que... natural de Timor, diz-se timorense, é distanciarmo-nos do espírito da Luta e negarmos o ventre que nos fecundou.

Quanto a mim, sejam quais forem os pontos de vista, o termo MAUBERE tem uma expressão que Filipinas, por exemplo, não possue. A nossa mentalidade parece parada nos tempos em que se baptizavam 4 crianças, de mesmos pais, gentios como se dizia, com nomes como: Pedro Alvares Cabral, Afonso Henriques, Domingos Savio e Luis Gonzaga.

Uma família, a partir daí, dividida por 4 apelidos, qual marco de distinção entre o selvagem e o assimilado. E penso até que os que se envergonham com o depreciativo - depreciativo para quem, afinal? -, exultam nas graças da sempre chamada tradição religiosa, com terminologias tão desconsoladas como "Timor - terra de Santa Maria". Incrível, caros compatriotas, simplesmente incrível. Uma mentalidade que é consequência também do colonialismo, afinal! Consequência que actuou apenas de forma diversa: o que não é nosso reconforta-nos e dá asas ao nosso espírito e o que é nosso envergonha-nos e corta-nos as penas às asas.

Por falar no termo, reparo que CNRM não é do gosto de todos. Pequenos coágulos do sangue maubere, que têm que ser retirados para que a avenida seja lisa? Penso que são atitudes que nos desprestigiam apenas, porque o Povo Maubere vai sofrer quando tomar consciência de que o Maubere nunca libertará Timor. Compreendo que o "M" pode estar a actuar num sentido discriminatório para alguns, contudo, com toda a franqueza e com toda a liberdade que chamo para mim, como razão também da minha própria participação nesta grandiosa epopeia do nosso Povo, nunca hesitarei em utilizar a já tão consagrada expressão de Povo MAUBERE. Serão pontos de vista, diferentes ou distintos ou ... simplesmente consciências que se adquirem desta Luta!

Companheiros e Irmãos

Também sabemos que FALINTIL não está ao gosto patriótico e ao paladar político de todos. É, ao fim e ao cabo, o conflito das terminologias, entretendo as nossas actividades políticas. Não há dúvidas de que é pela razão de que o termo faz recordar um passado que nos envergonha. Hoje, todos sabem que as Falintil estão despojadas do carácter partidário que originou a sua criação. Não penso, por isso, que seja muito razoável este sentimento de aversão demonstrado por alguns, para com a palavra e, penso que ... não é pedir demais para ponderarem as suas razões e deixarem de considerar as Falintil, inimigas de quem quer que seja... por permanecermos FALINTIL !

Pelo menos, respeitem o sangue vertido, no confronto com as forças ocupacionistas, os sacrifícios inenarráveis aceites em defesa da Pátria de todos, os ossos sem campa semeados pelo território nacional e as acções heróicas das GLORIOSISSIMAS FALINTIL! Nesta questão, doa a quem doer, seremos inflexíveis, duros como as rochas de Matebian.

E estamos no pleno, legítimo e inquestionável direito de reclamar, apenas isto: QUE NOS RESPEITEM, PELO RESPEITO QUE CADA FILHO DE TIMOR LESTE DEVE À MEMÓRIA DOS GUERRILHEIROS TOMBADOS!

Irmãos e companheiros da Luta
Caríssimos compatriotas

Existe uma outra questão que eu quero abordar. É a questão das legitimidades...

Perante a situação política existente aí fora, que conheceis melhor que nós, porque criou raízes nas nossas organizações partidárias, afectando a CNT e afectando os sentimentos de todos os timorenses, não tive outra saída que pedir o apoio, desinteressado e activo, dos nossos amigos da Solidariedade. E devo reconhecer publicamente que me ajudaram imensamente, tendo assim podido superar muitas facetas da minha própria impreparação, acumulada nestes anos... de um vicioso exercício de enviar relatórios para fora.

Não podia, de maneira nenhuma, proceder a contactos com timorenses no exterior, porque podia acontecer que aqueles com quem eu pretendesse encetar ligações estarem ligados, de uma ou de outra forma, às divisões existentes. Tive que me afastar das direcções dos partidos, já que não podia conservar um relacionamento exclusivo e já doentio com uma parte da CNT e, muito menos, iniciar o contacto apenas com uma outra parte.

A disposição política manifestada pelo companheiro Ramos-Horta de actuar, fora do âmbito do seu próprio partido, permitiu pensar numa entidade timorense, passível de ser o elo entre o CNRM e a CNT e com a Comunidade internacional. Respeito a opinião dos jovens timorenses que se insurgiram contra a designação de Ramos-Horta e creio, entretanto, que perceberam já que foi extremamente necessário cobrir uma ineficiência de todos

nós. Porque não bastam apenas retóricas ou presenças em exposições, caríssimos jovens.

Dado que notávamos a pouca operacionalidade da CNT, era imperioso accionar uma representação suprapartidária, do interior da Pátria, que interpretasse o pensamento do CNRM. O papel que o companheiro e irmão Ramos-Horta desempenha, é uma cobrança dos nossos próprios erros colectivos.

REITERO A MINHA CONFIANÇA POLÍTICA NO COMPANHEIRO RAMOS-HORTA!

É preciso que tomemos consciência de que se cada um reclama o direito de representar, quando é hora de debater questões cruciais do nosso Povo, ninguém será realmente o representante de qualquer coisa, porque todos pretendemos representar confusamente um todo confuso.

Vai ser difícil desenvencilharmo-nos das teias que cada um teceu à volta dos seus casulos partidários, enquanto cada um permanecer clamando para si... legitimidade de representar o nosso Povo. Julgava eu que o próprio tempo se encarregara de limpar as impurezas no nosso espírito. Mas acredito que todos estamos movidos pela vontade de servir o nosso Povo e que todos teremos a hombridade politica para nos darmos as mãos, cientes de que, quanto mais unidos, menos débeis seremos contra as investidas do inimigo.

Tenho confiança na lucidez e clarividência politica dos lideres do nosso Povo e acredito na disposição política de todos os timorenses no exterior no sentido de dar uma interpretação correcta à conjuntura actual da nossa Luta. Porque falamos demais em tecidos sociais, até parece que nos diferenciamos demais na análise desses tecidos. Penso que basta de análises deste tipo, porque é hora de ACÇÃO!

Aqui, vamos continuar a verter sangue e vós, aí, devereis saber honrar este sangue, apoiando Portugal e a Solidariedade internacional.

Carissimos competriotas
Irmãos e companheiros da Luta

Em fins de '80, ao ouvirmos pela rádio que Portugal reivindicava os seus vínculos com Timor-Leste, eu defini, junto de muitos companheiros, que este factor viria a ser a nossa tábua de salvação! Com efeito, ao prepararmos a Reorganização Nacional (já iniciada em várias direcções), não deixávamos de pensar nas grandes dificuldades que, com aquele punhado de combatentes, iriamos enfrentar para garantir a continuidade da resistência armada. E interiormente, acolhia o pensamento de que se o novo esforço fosse assinalado apenas por revezes, Portugal podia ainda salvar o nosso Povo.

No seio da comunidade internacional, Portugal é o eixo das movimentações em torno do nosso caso e nós próprios não podemos desassocia-lo. Se algumas me referi nesse sentido, foi pura extravagância de quem não percebe politica e muito menos de muitas politicas.

Malgrado o desfecho da questão da DPP, continuamos observando um empenhamento zeloso da Presidência da República, assim como registamos uma vontade firme do Governo Português de fazer avançar o processo, ultrapassando-se o statu quo da regência de Perez de Cuellar.

Foi extremamente importante para a Luta, a tomada de posição de Portugal, ao propôr o início do diálogo sem pré-condições com inclusão da parte timorense.

Não me deterei no vasto campo internacional, já que estais melhor colocados para acompanhar a evolução da opinião pública e, claro está, muito mais familiarizados com o que decorre tanto em Portugal como na Austrália, onde as comunidades timorenses têm maior expressão.

Tudo o que se desenrola, aí, no exterior, tem sido a resposta à situação desenvolvida no interior da Pátria. Reparamos, contudo, que o trabalho de sensibilização tem actuado ciclicamente numa calendarização de acções que, pelo arrastar dos anos, se tornaram já formais e, da nossa parte, ouso mesmo dizer, inoperantes. Antes, escreviam-me a dizer que era preciso mandar metòdicamente casos de violação dos DH, por

que eram as munições para a arma da sensibilização. E a arma funcionava com os seus tiros esporádicos, em Genebra, onde peritos dos direitos humanos até eram e são a favor da Indonésia.

Compatriotas

O 12. Nov surgiu inesperadamente - para nós mesmos, no interior da Pátria, na questão do brutal massacre - e sacudiu as velhas formas de sensibilização. Para alguns gostos políticos timorenses, 12 de Nov. foi um desaire. Esqueceram-se das campanhas de destruição das bases de apoio, esqueceram-se da carnificina de '78 a '80, esqueceram-se da campanha de 81, esqueceram-se da vaga de desterros e prisões de '82, esqueceram-se da nova mortandade de '83 a '85, esqueceram-se de que sempre foi o generoso sangue maubere que tem vindo a alimentar a continuidade da Luta.

Quando o mundo se viu sacudido nas suas estruturas da (i)moralidade política, pela já pronunciada indiferença em relação ao nosso caso, não podemos deixar de condenar que, no seio dos timorenses, se aproveite o sangue vertido no dia 12. de Nov. para brincar a diferenças de opinião... enquanto, as crianças portuguesas, os jovens portugueses e todo o Povo Português soube corresponder ao apelo de sangue do 12 de Nov.
Podemos estar seguros de que o Povo português, os jovens portugueses e as crianças portuguesas não nos abandonarão jamais.

O 12 de Nov. deu o impulso necessário que faltava e, mais uma vez, soubemos responder às exigências da Luta, mais uma vez ficou comprovado que as acções decisivas têm de partir do interior da Pátria. Mais uma vez ficou também certo que as mudanças qualitativas pressupõem acções qualitativas, não negando o efeito da acumulação de todas as outras condições. Embora tivesse parecido assim, nunca esperavamos por uma solução à porta, trazida pelo 12. de Nov. Exigimos sim mais acção, exigimos, sim, que 12.Nov fosse correspondido com uma alteração substancial do quadro a que estava remetido o nosso caso. A ineficiência de uns sectores, a inoperância de outros e o indiferentismo dos demais, isso tudo é que nos magoava pela insensibilidade da politica.

O 12 de Nov. mostrou-nos, assim mesmo, as novas potencialidades e creio que, sobretudo, ensinou-nos a rever os metodos já tradicionais de trabalho, a prática que ouso dizer inoperante de marcar presenças em reuniões dos altos foros internacionais.
A acção de sensibilização deve ser uma prática, vamos lá dizer profissionalizada e menos amadorística, deve ser uma prática de "lobby" metodizada e nunca uma actuação improvisada, sem ideias formuladas e sem objectivos traçados. Há que preparar elementos e libertá-los para isso, há que criar condições para que isso tudo se desenvolva com técnica e eficiência. Não pretendo, com estas considerações, caríssimos compatriotas, minimizar a acção desenvolvida pelos 2 partidos da CNT, mas penso que todos devemos reconhecer que existem algumas lacunas que urge ressalvar.
Cabe a Portugal praticar todos os actos necessários para a autodeterminação e independência de Timor-Leste - uma frase que nenhum timorense ignora! Estrategicamente, e a história prova-o nos acontecimentos que acompanhamos na Europa Oriental, não há força que mate a consciência nacionalista do nosso Povo, não há repressão que esmague as profundas aspirações do nosso Povo. Há anos que muitos de nós se habituavam a afirmar que
A VITÓRIA SERIA APENAS QUESTÃO DE TEMPO !

Queridos companheiros e irmãos

Posso estar errado, não me pertence o dom da infalibilidade; isso pertence ao Papa que tem falhado na sua visão sobre Timor-Leste. Contudo, quero conversar um bocado convosco. A exposição poderá ser grosseira demais e a linguagem pouca polida, mas é o que tenho a ofecer-vos como combatente da Pátria.

Há que compreendermos o conceito Tempo, colocado na nossa Luta. Um elemento que está medido com 16 anos de resistência. Um elemento que sempre foi alimentado por outros factores, básicos, que nos forneciam a capacidade para suportá-lo. Em nenhum processo, todos os factores se desenvolvem harmoniosamente. Na guerra de resistência, espe-

cifica, de Timor-Leste, factores há que se desenvolvem pelo sacrifício de outros. O Tempo é apenas a testemunha muda e impassível da evolução complexa deste complicado sistema de pequenas lutas pela sobrevivência da Luta.

Em tudo, a iniciativa devia, por princípio, perterncer-nos sempre. Mas esta percepção tem que ser relativa. Desde o 7.Dez.75 que sempre actuamos em regime de dependência à imposição do inimigo, pelo próprio carácter da nossa Luta, o de uma Resistência. Quando dizemos iniciativa, devemos compreendê-la no sentido de movimento produzido a partir das condições oferecidas pelo adversário. Ninguém deve imaginar que, em Timor-Leste, quem quer que seja esteja capaz de actuar forçando uma situação. Toda a acção deve ser planeada a partir das condições que perspectivam a sua realização ou as que se podem criar dentro das limitações impostas. Um exemplo que eu podia dar é o 12.Nov. O 12.Nov não foi exactamente um render homenagem a Sebastião Gomes. Este foi um motivo, uma condição para se proceder à concentração.

Continuando. Na nossa guerra, definimos que todas as nossas acções devem ser guiadas por um objectivo, podendo entretanto realizar outros objectivos. Assim não desperdiçamos energias, assim sabemos estabelecer sempre uma meta para onde dirigimos as nossas acções. Determinadas actuacções ou formas de luta não são compreendidas, de imediato, e muito menos quando retiradas de um plano global de actuações. Vejamos como exemplo, que o abrandamento de acções militares numa zona ou a interdição dessa zona à presença da guerrilha por um largo período tem confundido a população local, triste por falta de contactos que tanto estimulam o ânimo e reanimam a vontade de lutar, pensativa quanto a um possível abandono e preocupada com a ideia de os seus irmãos guerrilheiros terem sido já todos mortos e mais revoltada ainda com o à-vontade que as forças de ocupação passeiam pela mata e regressam para violar as mulheres. Um plano de recuo táctico, para ganhar o próprio tempo pela recuperação de outras condições.

E é inicativa, inserida no próprio contexto do tempo. Um contacto físico com as forças ocupantes, que se desleixaram nessa zona, acorda com a explosão dos tiros a população que, no seu íntimo, se regozija profundamente. E capturamos material para prolongar o tempo.

É, companheiros, uma definição tosca de Iniciativa ... dentro da definição do Tempo.

Temos ainda que vozes, bastante afinadas, condenaram as nossas acções sobre os campos de concentração e Vilas. Para suportar o Tempo foi necessário actuar sob esta forma, a de, aparentemente, destruirmo-nos a nós mesmos. O objectivo porém era diferente; o Povo sabia-o e o Tempo provou-o.

Com batalhões indonésios que enchiam o nosso território, como formigas sobre um pedaço de copra, sob uma latente ameaça de nova mobilização forçada da população a nível de '81, a acção de desestabilização, com a destruição das miseras barracas da população era uma necessidade estratégica. Ao forçar o inimigo a ter em conta o perigo atrás das suas linhas, ele descongestionava as zonas de guerrilha. Desejava-se, com isto, preservar as N/F de uma rápida exterminação.

Realmente, as primeiras acções desconcertaram a população, que alguns muito desajeitadamente passaram a comparar a uma bola! Todavia, correctamente esclarecida sobre o objectivo central dessa forma de actuação, a própria população de outros campos já coordenava com o seu braço armado a destruição dos seus tectos e dos seus bens... para salvar a PÁTRIA! A partir daí, algumas direcções até exigiam, já que a não destruição do campo estava a significar, para o inimigo, pacto com a guerrilha. Em tantos, tantos casos, os guerrilheiros eram quem procedia à evacuação dos bens da população, enquanto elementos populares, indicados pela organização para o efeito, iam pegando fogo às barracas.

Recuos temporários... porque obrigavamos a população a reconstruir as suas casas, muitas delas já com telhados de zinco e, sobretudo, com uma consolidação de condições políticas no interior dos lares.

Aí fora, Bob Hawke gesticulava que era crime contra os princípios da Austrália, porque quem destroe a população não pode representar os anseios da população.

O Tempo provou que Bob Hawke estava errado. O tempo também provou que os que inocentemente definiam a população como uma bola estavam ~~xxxxxx~~ enganados. Errado, porque desconhecia as condições que sustenctam este processo e enganados porque, também por via deste desconhecimento, percebiam o fenómeno nas suas aparências.

Companheiros da Luta

Há quem tenha dito que erramos por fazermos depender o nosso pensamento a eventuais possibilidades, despertadas por outros. Pura demagogia de gabinetes! E sei que também muitos de nós estão à espreita de um hacatombe na Indonesia!

Lembro-me agora, e toda a Resistência Armada sabe, da polémica que foi assunto quente dos finais de '82, entre mim e Kilik, então Chefe do Estado-Maior das Falintil. Entre várias estratégias de alternativa, havia a de que era premente saber-se se Soeharto caia e quando caia. Segundo ele, se era acontecimento eminente, deveriamos pôr as FALINTIL a fazer caça aos veados e javalis.

E sinto, companheiros, à distância, que muitos compatriotas, aí no exterior, fizeram a opção Kilik, por debaixo das declarações patrióticas. Nunca, caríssimos compatriotas, percamos a consciência das dificuldades no terreno, nunca percamos a consciência de que os nossos actos não podem realizar-se, no dia a dia, para além das condições oferecidas pelo adversário.

É muito facil imaginarmos grandes mudanças na Indonésia, sendo também muito consolador retermos o pensamento a desenhar no ar agradáveis surpresas, como acasos históricos possíveis ou irreversíveis... sòmente para consolidar a nossa própria determinação, sòmente para formular análises sobre a irreversibilidade do processo e sòmente para criar também novo espírito de Luta... porque, afinal, em Timor-Leste, a luta continua!

Irmãos compatriotas

Militarmente falando, bater em todas as direcções ao mesmo tempo, é arte de quem é capaz de fazê-lo. Na nossa Luta, batermos em todos os sentidos ao mesmo tempo, é fraccionarmos as nossas capacidades.

Encaixar no tempo um objectivo central, preparar as condições nas direcções necessárias e distrair o inimigo com manobras planeadas, É TOMAR INICIATIVA, É CAMINHAR SOBRE O TEMPO... COM SEGURANÇA !

Portugal está empenhado, a Comunidade Internacional está cada vez mais interessada. É uma conjuntura político-diplomática para actuarmos com decisão e lucidez. A hesitação pode ser fatal e negar-se ao combate é simplesmente desastroso.

Na sensibilização da opinião pública internacional, saibamos baixar o dedo à tecla correcta, assim como, na sensibilização da comunidade internacional, saibamos recorrer ao instrumento necessário e ainda, a acompanhar os esforços de Portugal, evitemos sobretudo criar confusões. Evitemos, também, procurar protecção moral e política na actual situação favorável no campo diplomático.

Portugal deu a ordem de assalto. E nós todos andamos ainda à procura das nossas posições, reclamando apenas.

Combater o inimigo dentro das suas muralhas, pode ser aventura quando não se tem em conta o seu estado de ânimo. Já quando se notam sinais de debilidade, se não o acossamos com oportunidade, revelamos apenas crassa idiotice.

Todo o combate é primeiramente objectivado no pensamento; levado ao terreno, a sua realização é permanente, fracção a fracção, com baixas e reforços, num progredir que pode ser lento como rápido, segundo circunstâncias, fortuitas ou produzidas, insuspeitadas ou previstas. Todo o esforço será aniquilar o adversário e ganhar a batalha! É toda esta batalha ganha decorreu do instante em que se provocou contacto físico entre os contendores.

Iniciativa, a partir do pensamento. E isso exige vontade po-

lítica, reflexão profunda, correcta visão do problema e firmeza de objectivos.

Porque, ao invés de nos congratularmos com o vai-vém dos nossos líderes aos palácios de Lisboa, ficamos tristes ao sabermos que cada um deles entra com uma estratégia de solução e sai sorrindo de optimismos (pouco convincentes, diga-se de passagem) e afirmando que Portugal concordou em pleno com o plano.

Solução ou soluções? - pode-se perguntar. Viabilidades de solução ou caminhos para a solução? - outra pergunta pertinente.

Se dos representantes de Timor Leste ou do Timor Oriental, cada um entoou na sua escala, até agora só saíu ainda um fá e dó, que só desconcerta o país do Fado!

É premente que se adquiram pontos de vista comuns, nas questões pontuais da Luta. Eu creio ser possível, desde que todos nos compenetremos da complexa realidade da Luta! Mas só com a CNT revigorada, podemos adquirir confiança em nos próprios e podemos estar seguros de que vamos libertar o nosso Povo! Toda a displicência posta na resolução de divergências, internas ou entre partidos, é de per si um acto de irresponsabilidade para com o nosso Povo, porque consente que os seus sofrimentos se prolonguem.

Caríssimos Compatriotas
Irmãos e Companheiros da Luta

Existem muitas questões em aberto para todos considerarmos:

* Portugal actua como a potência administrante, segundo as resoluções da ONU. A Indonésia encara-o como a outra parte, apenas, do conflito, da qual espera obter o reconhecimento da anexação de Timor-Leste ou do Timor Oriental. Como ultrapassar isto?

* Segundo os seus princípios, Portugal pretende uma solução que respeite a vontade expressa do Povo de Timor-Leste. Nesta ordem de ideias, só o Povo decidirá se deseja a integração ou a independência. Todos sabemos que Jacarta não aceita - e já em '83, os oficiais indonesios eram renitentes nesse sentido -, já que o referendum constitui um precedente político muito perigoso para a Indonésia. Como superar esta contradição?

* A Indonésia só aceita retomar o diálogo com Portugal, embora deixe aberta a possibilidade de participação timorense.

Que meios políticos os timorenses disporão a Portugal para que a potência administrante possa cumprir as suas responsabilidades?

* Como timorenses - e dirijo-me sobretudo aos líderes dos nossos Partidos, já encaramos devidamente as condições básicas para o prosseguimento da resistência no interior da Pátria? Sem demagogias, sem retóricas inflamantes, sem o habitual recurso à arma da propaganda?

* Portugal acompanha as nossas fraquezas políticas. Será que nos apercebemos já que esta situação não favorece em nada o gigantesco esforço do nosso Povo? Será que não nos apercebemos já que estamos praticamente a reeditar os imemoráveis tempos de descolonização de Lemos Pires, com os partidos unidos nas divergências?

* O que buscamos nas nossas diligências? Soluções imediatas, soluções a curto, a médio, a longo prazo? Soluções puras, soluções de compromisso? O que podemos conseguir? Como consegui-lo? E quando?

Compatriotas, queridos irmãos

Afirmo-o com toda a alma: Eu acredito em Portugal, nos seus propósitos! Mas... acredito mais em nós mesmos! É, por isso, que todos teremos que buscar resposta a estas e outras questões, sob pena de não estarmos a desejar nada!

Ao afirmar que, na relação interno/externo, urgia uma acção consistente de fora, não pretendo explicitamente definir que deixamos de nos considerar o factor determinante do processo. Se concebo o interno, resultante da definição de que nos pertence a nós, os timorenses, a acção decisiva em todo o processo, o externo, condicionante, actua em momento próprio com uma acção decisória. Basta olharmos para as soluções que se ofereceram a uns e se buscam para outros conflitos. Basta também repararmos que, no factor denominado externo, é decisivo para a nossa Luta, um resultado positivo decorrente da pressão internacional.

É aqui, devemos reconhecer o incontestável papel desempenhado pela Solidariedade internacional. A Solidariedade, no seu todo, até nos dá a nós os timorenses, uma lição que, sei, muitas consciências não quererão aceitar:

uma visão globalizada ~~xxxxxxxxx~~ da nossa Luta!

Aponto esta particularidade interessante, porque tem sido tendência politica dos nosso líderes, fraccionarem a resistência do nosso Povo. Pequenos muros de Berlim distinguem a nossa Pátria violada, por que razões não sei. Timor-Leste faz fronteira com Timor Oriental... avivando reminiscências que já não têm cabimento.

Neste e noutros casos, são atitudes, talvez sem importância mas desaconselháveis e que ~~xxxxxxx~~ denunciam continua disposição para escaramuças fratricidas.

Sempre confiantes nas nossas próprias capacidades - nossas, de todos os timorenses - é que, 16 anos depois, ainda nos fazemos ouvir pelo mundo fora. Teremos que corresponder, para consolidarmos as nossas capacidades, aos esforços daqueles que, com tanta nobreza e carinho, tanta abnegação e firmeza, abraçaram a causa do nosso Povo !

O importante avanço que se conseguiu, com o 12.Nov., terá sido o facto de a Comunidade internacional ter percebido realmente o âmago da questão de Timor-Leste, ter podido já explicar que ao Povo Maubere nunca se lhe deu oportunidade para decidir livremente sobre o seu destino. E, por consequência, o ter expresso a necessidade de se buscar uma solução ao conflito, pela via do diálogo. Qualquer solução passará definitivamente pela opção que fizer a comunidade internacional, como também sabemos que muitas outras opiniões condicionam sempre favoravelmente.

É premente trabalharmos nesta direcção e torna-se imperioso que trabalhemos juntos, para pronunciarmos as mesmas palavras: LIBERTAR O NOSSO POVO! Portugal já endossou a proposta de diálogo sem precondições, com a participação dos timorenses, e nós vamos também insistir nisso. Mas, no nosso seio, abundam as divergências e isto é perigosissimo.

Irmãos, compatriotas e companheiros da Luta

A Portugal compete praticar todos os actos necessários para a autodeterminação e independência nacional de Timor-Leste - é o mandato da Constituição da República Portuguesa.

A todos os timorenses, compete praticar todos os actos necessários para a autodeterminação e independência nacional de Timor-Leste - é o mandato do nosso Povo.

PÁTRIA OU MORTE !!!

Para terminar, quero transmitir a todos os timorenses no exterior, filhos do mil vezes heróico Povo Maubere, o seu apelo para que concentrem os esforços e dinamizem uma rápida reactivação da CNT, pela solução das querelas internas nos Partidos.

Também venho transmitir o apelo da Juventude Heróica de Timor-Leste aos seus jovens irmãos na diáspora, para que se formem no intelecto e no espírito, participando com afinco e dedicação na Luta. Faço também meus os sentimentos expressos pela Juventude Maubere, no interior da Pátria, os sentimentos de preocupação pela permeabilidade dos seus briosos irmãos, jovens combatentes no exterior, a manifestações

de infatilismo e negligência nos comportamentos.

Por último, faço um apelo aos Líderes da UDT e da FRETILIN para uma reflexão profunda... porque é hora de ACÇÃO!

A LUTA CONTINUA !!!
RESISTIR É VENCER !!!

Vosso irmão e companheiro da Luta,

KAY RALA XANANA GUSMÃO
CMDT. das FALINTIL

Quartel-General do Conselho Nacional da Resistência Maubere, em 1 de Maio de 1992.-